



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

O LIBERTO NO ARRAIAL DA CONQUISTA (1840-1880)

Ocerlan Ferreira Santos*
(UESB)

Washington Santos Nascimento**
(UESB)

Desde 1867, com Perdígão Malheiros início, mas principalmente a partir da década de 1930 com Gilberto Freyre (1933) e a chamada escola de São Paulo na década de 1950, a historiografia brasileira tem se debruçado sobre a escravidão negra nas terras dos Brasil, apresentando um debate que girava em torno da estrutura e funcionamento do sistema. Nos finais da década de 1970 o debate se acirra com uma polêmica em torno da caracterização do mesmo, tido para alguns como violento e cruel, e por outros como brando e benevolente.

Entretanto, no que diz respeito aos negros libertos, poucos pesquisadores têm dedicado-se a estudá-los⁶⁰, ficando este personagem à sombra, como se os protagonistas desta história fossem apenas os brancos livres e os escravos propriamente dito – os não livres.

Dentre estes pesquisadores destacamos aqueles que se dedicaram a estudar o liberto no Estado da Bahia. Kátia Mattoso com *Ser escravo no Brasil* (1979), pode ser considerada a percussora no Brasil acerca das questões que envolvem a alforria e o

* Graduado em História pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. Aluno do curso de Especialização em Educação Cultural e Memória – Museu Pedagógico Casa Padre Palmeira/UESB. Integrante do grupo de Estudos e Pesquisa em História da África e América Negra – Gephaan - Museu Pedagógico Casa Padre Palmeira/UESB. ocerhist@yahoo.com.br.

** Professor do Departamento de História da UESB/BA, Mestrando em Ciências Sociais – PUC/SP, Coordenador do grupo de pesquisa “História da África e da América Negra”. Professor Orientador.

⁶⁰ Ver Kátia Mattoso (1979), Rossel Wood (1982), Manuela Carneiro Cunha (1985), Inez cortês de Oliveira (1988), Sidney Chalhoub (1988), Eduardo França Paiva (1995) Mary C. Karasch (2000) e M. A. C. R Papali (2003).



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

liberto, dedicando seus dois últimos capítulos aos temas, articulando-os com o escravismo em geral. Inez cortês de Oliveira: o liberto seu mundo e os outros (1988), que baseado num estudo sistemático de testamentos de escravos alforriados, constitui-se num estudo verdadeiramente pioneiro no Brasil ao dedicar-se unicamente as questões acerca deste importante segmento da população negra livre de Salvador de 1790 a 1890. Onde encontramos análises referentes às oportunidades do liberto e as categorias da população livre de cor, as diversas categorias ocupacionais dos libertos e dos escravos, os cantos – e das companhias e “associações de trabalhistas” de liberto, as diversas modalidades de alforrias, e a organização familiar do liberto.

Na mesma linha de pesquisa, entretanto, com avaliações que oscilam entre a Bahia e o Rio de Janeiro, Manuela Carneiro Cunha com Negros, estrangeiros: Os escravos libertos e sua volta à África (1985), analisa as perseguições políticas sofridas pelos libertos no Brasil do século XIX, as dimensões ideológicas da alforria e a volta destes libertos à África.

No que se refere ao negro e o liberto no planalto da conquista ainda há muito a ser feito, pois são poucas as pesquisas e quase nenhuma publicação. Foram são lacunas deixadas pela historiografia e a possibilidade de ajudar nas reflexões sobre questões em voga da “problemática” do negro em vitória da conquista – política de cotas na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia e os preconceitos – que nos levou a pensar este trabalho, onde pretendemos analisar o cotidiano dos negros libertos no Arraial da Conquista, como também na Vila² durante a segunda metade do século XIX, entre os anos de 1840 e 1880, tentando perceber estes libertos no cotidiano do Arraial (e da Vila) e em seus espaços cotidianos próprios, bem como as disputas cotidianas entre senhores, escravos e libertos.

² Como supracitado o Arraial da Conquista é elevada à categoria de Vila em 1840, recebendo o nome de Imperial Vila da Vitória. Portanto, o espaço-tempo estudado abrange estes dois momentos da história local.



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

Partindo da premissa de que a história é fruto da experiência humana, onde os homens forjam saídas para seus problemas, resistindo ou se “submetendo” a estes, e levando ainda em consideração a complexidade do real vivido – onde as experiências humanas se traduzem sob as mais variadas formas de valores, imagens, sentidos, arte, trabalho e crenças - por estes mesmos homens, a história não tem sentido único, não cabendo, portanto em esquemas prévios, ela é um campo de possibilidades. Sendo, assim, no intuito de melhor conhecer o nosso objeto, buscaremos não nos prendermos a conceitos estanques, uma vez que será a necessidade de compreendê-lo que nos indicará os caminhos e os conceitos a serem forjados nesta pesquisa.

Ao longo do tempo homem tem se impulsionado cada vez mais na busca do novo e extraordinário, levando-o a esquecer da riqueza que existe na simplicidade do cotidiano - Estamos sempre em busca de algo ao longo do dia, e deixamos de dar o devido valor às coisas que estão próximas a nós, porque achamos tudo muito simples. A vida cotidiana aqui entendida não se resume unicamente ao imediatismo ou a vida privada e familiar, mas a esfera da vida pública, da produção, acumulação e poder, portanto, ao campo do político, econômico e cultural, na sua dimensão ativa e inovadora.

Neste estudo, portanto, ao trabalharmos com as relações nos diversos espaços cotidianos, muitas vezes contraditórios, dos negros no século XIX, excluimos a idéia de que a história é produto exclusivo dos grandes acontecimentos, dos grandes heróis, e destacamos uma “minorias” que faz parte de uma maioria, ou seja, homens comuns, os verdadeiros atores da história. Nos preocupamos em “recuperar os laços entre o social e o individual, o social e o histórico”³, em revelar a riqueza escondida sob a aparente pobreza. Caberá a nós, portanto, compreendermos estes espaços, como eles se articulam e interpretamos os usos e representações que estes negros fazem destes mesmos espaços.

³ Priore, M. In Cardoso e Vainfas, 1997, p. 266.



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

Jaques Le Goff (1988), afirma que o cotidiano só tem valor histórico e científico no interior de uma análise de sentido histórico que contribua para explicá-lo. Diante de celebre palavras, tentaremos dar valor histórico e científico ao nosso estudo do cotidiano nos negros liberto no espaço local anteriormente referido, tomando como norte, numa perspectiva de síntese, os estudos apresentados pela história social, cultural e pela antropologia histórica.

Em Uma Descrição Densa: Por uma teoria interpretativa da cultura (1989) C. Geertz nos revela que a cultura é algo inerente a natureza humana e é ela que informa toda a sua ação, e não apenas o habito e o costume, sendo que esta ação só faz sentido num determinado contexto social. Sendo assim, mesmo conscientes de que as fontes que vamos analisar não foram elaboradas para fins da pesquisa histórica, acreditamos que se nelas perceber os discursos, as representações, as expressões, os comportamentos e os silêncios, através de questões pertinentes aquele momentos histórico, conseguiremos dar conta do nosso objeto pesquisado.

Portanto, concepção de cultura de Geertz (1989) e sua proposta interpretativa das culturas – a descrição densa – nos possibilitará ampliar o nosso campo de visão diante da realidade complexa que envolve os espaços cotidianos que pretendemos estudar.

Como pretendemos mergulhar nos espaços cotidianos do referido seguimento não privilegiado da sociedade imperial, vemos na análise cultural do comportamento e das atitudes populares de E. P. Thompson em Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional (1991) - onde focaliza as motivações e os meios de legitimar a ação coletiva e violenta das massas populares enquanto expressão cultural e comunitária -, principalmente quando fala de uma “economia moral”, onde a comunidade legitima seu ativismo no fato de acreditarem está defendendo direitos ou costumes tradicionais, o caminho para filtrarmos as informações que possam levar a entender acerca das disputas cotidianas entre senhores, escravos e libertos. Como estes



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

dois seguimentos da sociedade local, diante das sujeições morais e políticas, conseguiram meios de negociar sua “liberdade”, assumindo certo grau de controle de suas vidas, bem como, compreender as motivações ou até que ponto era legítima a violência empregada por muitos negros diante dos seu senhor, como forma de impor limites as negociações escravistas.

As fontes documentais que dispomos para o fazer desta pesquisas estão localizadas no arquivo e almoxarifado do Fórum João Mangabeira de Vitória da Conquista, que corresponde a cartas de alforrias, inventários pós-morte, cartas de compra e venda de escravos, processos civis e processos crimes envolvendo escravos e libertos. O tratamento a ser dado a estas fontes levará em consideração a sua tipologia e modalidade, pautada numa rigorosa análise crítica já que as mesmas foram produzidas para um determinado fim e em um dado contexto histórico.

Portanto, torna-se relevante a realização de tal pesquisa, pela riqueza de do “objeto” e do espaço-tempo a que se propõe estudar, bem como pela contribuição que dará as reflexões e aos estudos sobre questões da “problemática” do negro em vitória da conquista – política de cotas na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia e os preconceitos.

REFERÊNCIAS

- CUNHA, M. C. Negros, estrangeiros: Os escravos libertos e sua volta à África. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- CHALHOUB, S. Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na Corte. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CASTRO, H. História social. In CARDOSO, C. F; VAINFAS, R. (Org.). Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia. Rio de janeiro: Campus, 1997.



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

-
- GEERTZ, C. “Uma Descrição Densa: Por uma teoria interpretativa da cultura” In C. Geertz. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- MATTOSO, K de Q. Ser escravo no Brasil. São Paulo: brasiliense, 2003.
- OLIVEIRA, M. I C. de. O liberto: o seu mundo e os outros (Salvador 1790-1890). São Paulo: corupio; [Brasília, DF]: CNPq, 1988.
- PRIORE, M. D. História do cotidiano e da vida privada. In CARDOSO, C. F; VAINFAS, R. (Org.). Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- SOUSA, M. A de A. A conquista do sertão da ressaca: povoamento e posse da terra no interior da Bahia. Vitória da conquista: UESB, 2001.
- SANTOS, O. F; NASCIMENTO, W. S. Caminhos da liberdade: alforrias na Imperial Vila da Vitória (século XIX). VI Colóquio do Museu Pedagógico: história, educação e cultura. Vitória da Conquista, nov/2006.
- THOMPSON, E. P. A Formação da classe operária inglesa. Volume I. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, (prefácio).
- _____. Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional. Volume I. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 13-304.
- _____. Peculiaridade dos Ingleses e outros ensaios. Campinas: Edunicamp, 2001.